

Industrialização Cultural e Subjetividades Massificadas: Uma Descrição do Campo Docente na Modernidade

Maria do Carmo dos Santos¹
Rafael Ademir Oliveira de Andrade²

RESUMO

O presente trabalho visa expandir a discussão acerca da atuação e formação docente na modernidade, momento histórico compreendido enquanto expansão das fronteiras do capitalismo em todas as instâncias da existência social, especialmente a econômica e subjetiva, em uma relação infra e superestrutural. Assim, para a execução deste objetivo, destacaremos duas visões que confrontam esta estrutura em seus trabalhos: o marxismo da teoria crítica de Adorno e Horkheimer, e a psicanálise do pensador marxista Félix Guattari, nestas visões, desenharemos os contornos da sociedade moderna e massificada. O professor Libâneo será elencado como um discurso inerente às ciências da educação, como reforço teórico e focal desta descrição, unindo a sociologia marxista com a pedagogia. Os textos escolhidos destes autores contam comportam as três seções do texto, visando uma leitura coerente que associe o pensamento sociológico e as ciências da educação, união esta já estabelecida em suas fundações. De cunho exploratório e teórico, este artigo visa expandir a leitura acerca do tema, recorte importante de pesquisa desenvolvida para o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Rondônia.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria Cultural, modernidade, massificação, docência.

ABSTRACT

This work aims to expand the discussion of performance and teacher training in modern , historical moment understood as expanding the frontiers of capitalism at all levels of social existence , especially the economic and subjective , in a relationship infra and superstructure . Thus, for the implementation of this goal , we will highlight two views that confront this structure in their work : Marxism critical theory of Adorno and Horkheimer , and psychoanalysis of Marxist thinker Felix Guattari , these views , will draw the contours of modern mass society. Professor Libâneo will be cast as a speech inherent in educational sciences , as theoretical and focal strengthening this description , uniting the Marxist sociology and pedagogy. The texts of these authors have chosen behave the three sections of the text , aiming at a coherent reading involving the sociological thought and science education , marriage is already established in their foundations . Exploratory and theoretical nature , this article aims to expand the reading on the subject , important crop research developed for the Graduate Program in Education of the Federal University of Rondônia

KEYWORDS: Cultural Industry, modernity, mass , teaching

¹ Psicóloga, Mestre em História (UFSC) e Doutora em Educação (UFBA). Professora da Universidade Federal de Rondônia, ligada ao Departamento de Ciências de Educação e o Programa de Pós-Graduação em Educação. E-mail: profpoz@hotmail.com

² Graduado em Ciências Sociais e Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Bolsista CNPQ-Capes. Contato em rafael_ademir@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A sociologia aponta a educação como um fruto e a razão dos processos sociais. Esta afirmação nos diz que ao mesmo tempo em que é um produto das relações sociais, os meios educacionais são formadores de indivíduos que, por sua vez, compõem a sociedade. Dessa forma, cada sociedade possui uma educação que visa dar continuidade aos seus valores, conhecimentos científicos e culturais, dentre outros elementos.

E ao mesmo tempo possuem indivíduos que visam a reprodução destes, os docentes, discentes, representantes burocráticos, legalistas, que atuam na continuidade do processo educativo dentro dos padrões. A partir da observação do cotidiano, notamos que há uma mudança no que é considerada educação ideal, um desvio que acompanha as vicissitudes da sociedade moderna. Em qual contexto se desenvolve esta educação e qual o cenário de formação e atuação docente é o elemento central de investigação deste trabalho.

Neste momento, duas noções são elencadas para explicar o caminho teórico deste trabalho. Primeiro, a modernidade enquanto elemento e intencionalidade da classe burguesa, conceituamos a modernidade enquanto o processo de transformação e expansão do capitalismo, manipulando pessoas, instituições, mercados e a forma em que se dão estas relações, em constante transformação (Berman, 1986). A modernidade é vista por Marshall Berman, sociólogo marxista que intenciona observar as raízes desta era, como uma prisão sem muros, onde os homens estão perdidos na multidão, sem espírito, sem coração, sem identidade, não passando de auto reproduções mecânicas, que se realizam o consumir. Assim, destacamos a modernidade enquanto uma intenção de uma classe que assumiu o poder ao mesmo tempo em que transformava as relações sociais, é a imposição do modo de produção às formas de relação social em todos os âmbitos da existência.

Outra noção que aqui destacamos é a de sociedade de massas. As experiências sociais criadas pela expansão e desenvolvimento do capitalismo possuem diversas definições, como sociedade do consumo, do controle, pós-moderna, etc. Esta afirmação depende do olhar metodológico que se impõe sobre o objeto sociedade. Neste trabalho, para melhor esclarecimento, iremos tratar com

autores que trabalham com a noção de sociedade de massas ou massificada pelas instituições ideológicas do capitalismo moderno.

Os autores principais que compõem nosso referencial teórico são Theodor Adorno, Max Horkheimer, pensadores da Escola de Frankfurt, Félix Guattari, psicanalista e José Carlos Libâneo, teórico da educação. Dentre os autores que trabalham com o tema, estes foram escolhidos por igualmente dividirem da teoria marxista como forma de observar o objeto, os dois primeiros partindo da teoria crítica como aplicação do pensamento marxista a uma forma de organização societária que se consolida no século XX, Guattari como uma aplicação da psicologia à formação das subjetividades modernas, dentro de um contexto social, econômico e cultural e Libâneo, que discute uma possibilidade de nova configuração da escola e dos professores neste contexto. Assim, os autores comporão uma perspectiva dimensional sobre os objetos a partir do mesmo método, nos permitindo uma análise coesa e ao mesmo tempo, diferenciada.

Partindo desta razão, este trabalho é uma tentativa de aprofundar os argumentos relacionados à esta forma de organização social e a atuação e formação do docente neste recorte histórico sociológico, com o objetivo de refletir acerca desta configuração.

Para tanto, na primeira o texto será dividido em três seções. Na primeira, pretende-se caracterizar a sociedade de massas a partir da sociologia de Adorno e Horkheimer, partindo principalmente do conceito de indústria cultural. Na segunda seção, será apresentada a noção de controle dos territórios existenciais e a criação de blocos massificados por Félix Guattari, desenhando a dominação da ideologia capitalista a partir das esferas da existência subjetiva. Na soma das duas seções, será composta uma perspectiva sociológica e subjetiva do homem moderno, também chamado de homem massa ou homem médio. Na terceira seção o modelo de educação e formação docente que se aplica à sociedade de massas será destacado dos autores supracitados e da teoria educacional de Libâneo, visando apontar como é desenvolvida a educação dentro do contexto histórico social já definido neste trabalho. Na conclusão deste trabalho, aponta-se que este trabalho é de cunho exploratório, visando a expansão do olhar teórico sobre o tema e não pretende concluir uma perspectiva definitiva para o tema, mas servir de base para trabalhos mais amplos.

1 ADORNO, HORKHEIMER E A INDUSTRIALIZAÇÃO CULTURAL DAS MASSAS

Em *Dialética do Esclarecimento* (1985), Adorno e Horkheimer apresentam a formação da sociedade de massas e seu mascaramento como um elemento ideológico do capitalismo e das grandes ditaduras nacionalistas surgidas no século XX. Seu debate sobre esta forma de organização social parte inicialmente da negação de que a massificação dos sujeitos leva ao surgimento individual de grandes líderes, muito pelo contrário, seu poder reside justamente porque ele ocupa um espaço social que o homem médio não tem a opção de ocupar, porque nestes indivíduos a individualidade segregada triunfa em sua figura, e nestes homens se vê recompensada a sua segregação dos valores de outrora.

Estes homens individualistas e ao mesmo tempo massificados, pois são compostos de valores que surgem do meio social, abstendo totalmente de sua individualidade e reflexão, é ao mesmo tempo um ser que se firma no consumir e na construção de uma identidade individual. Mesmo que os pensadores da escola crítica utilizem Hitler como grande exemplo deste líder (Adorno & Horkheimer, 1985, p.112), os mesmos afirmam que todos os líderes são atores representando na grande peça da burguesia. Desta forma, nossos líderes também são, respeitando os espaços de expressão autônoma, também atores dentro de nosso drama brasileiro.

A indústria cultural é como diz seu nome, uma formação de cultura em série, sendo mais perversa do que esta simples afirmação. Surge com a ascensão do capitalismo, com o desenvolvimento do iluminismo como forma de desmistificar o mundo, impondo uma nova forma de razão sobre os indivíduos, o esclarecimento. Inicialmente, o esclarecimento objetiva livrar os homens do medo e investir os mesmos na posição de senhores de sua existência, mas a terra esclarecida sofre uma calamidade triunfal: o desencantamento do mundo é a imposição da razão, industrial, fabril e individualista, sobre a imaginação.

Dessa forma, o saber como poder não conhece limites, nem mesmo na escravização e morte da criatura, do outro homem. Ele está “a serviço de todos os fins da economia burguesa na fábrica e no campo de batalha, assim também está à

disposição do empresário, não importa sua origem” (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 10). A técnica é a essência e o fruto deste saber, que não visa o conceito nem a imagem, mas o método, a utilização do trabalho dos outros, o capital. Assim, dentro de uma faceta ideológica, o esclarecimento surge como libertação dos homens, mas se afirma por fim como mais uma esfera de dominação. Desta forma, o poder que possuíam as figuras místicas no passado pode ser reduzido ao poder que o esclarecimento tem agora, a partir da ilusão da liberdade, que é usada como discurso máximo para a morte e o uso de poder na sociedade moderna.

O esclarecimento permitiu à sociedade burguesa ser dominada pelo equivalente, pelo igual, tornando o heterogêneo comparável, para a sociedade esclarecida, aquilo que não pode ser reduzido à números, e por fim, ao unificado, passa a ser ilusão. Por sua vez, o seu conjunto de crenças faz com que o esclarecimento esteja cada vez mais enredado na mitologia – naquilo que ele com orgulho afirmou ter superado – é uma construção que fixa uma gênese, a grande explosão, sua trajetória, o evolucionismo e seus profetas, os grandes representantes da alta cultura.

O espírito do esclarecimento parte da afirmação de que os homens receberam o seu eu como algo pertinente, diferente de todos os outros, para que ele possa com maior segurança, se tornar igual (Adorno & Horkheimer, 1985, p. 34). Esta forma de pensar parte das elites intelectuais e não das próprias massas, que tem na força da imposição do seu senso comum a marca deficiente de sua singularidade. Assim, a sociedade de massas surge da formação do homem a partir de dois elementos: o falso sentimento de individualidade e a padronização dos gostos, divididos por classes, para que pensem os homens que sua classe é capaz de emitir opinião ou que sua verdade é a real sobre a existência social. A força do senso comum e a padronização de gostos é tão forte que toma, como afirmaram os pensadores de Frankfurt, a dimensão que outrora tomou a religião, que por sua vez, se tornaram extremamente ligadas ao mundo material como forma excelente de sobrevivência do esclarecimento massificado.

Os aparelhos ideológicos da burguesia transformaram o homem medieval, que outrora estava preso ao teocentrismo, em um ser preso aos seus próprios gostos criados pela falácia da liberdade e individualidade e por sua vez, por trás do aparente caos, este homem tem seus gostos padronizados pelo melhor lucro do

capitalista, das elites de uma forma geral. Esta é, segundo estes autores, a gênese da sociedade massificada, quando surge uma indústria de cultura – enquanto forma de viver – que formata os homens. Não podemos deixar de afirmar que estes aparelhos sempre existiram, mas estavam centrados em outras ideias, tal qual no cidadão livre ou na figura mítica do rei. O pai ou o deus – ou mesmo o deus sociedade - dentro da estrutura social atual, deixaram de ser configurar como pontos centrais da estrutura. A partir do discurso, o individuo se torna este eixo central, possibilitando a massificação dos gostos, a dominação dentro da liberdade.

A massificação ocorre a partir de variados processos, mas se iniciam principalmente das instituições sociais como a mídia, a educação, a família, o trabalho, a religião, em especial, citam Adorno e Horkheimer (2002), os dois primeiros exemplos. Muitos são os processos desenvolvidos para se padronizar os gostos, mas todos partem de uma eterna repetição e controle, como uma espécie de elogio à vitória do capital, das máquinas e da ciência bélica, os rostos dos bebês são os mesmos, de quando você nasce até quando tem seus filhos, se algo novo é incorporado ao sistema de crenças e repetições, é porque faz parte de um plano de expansão do consumo: desde a libertação dos escravos pela Princesa Isabel até o advento do crediário, permitindo as classes exploradas acesso ao consumo e, por sua vez, aumentando a taxa de lucro dos burgueses.

A indústria cultural, em seu processo de produzir modos de vida em série, comanda qual a festa do final de semana, o melhor lugar para passar as férias, gerando o local, colocando a natureza e os indivíduos enquanto algo que pode ser consumido ao passo que gera o consumido, dividindo os espaços em categorias, acessíveis à classe A ou B. Exemplos podem ser tomados em nosso cotidiano, como as festas do centro e periferia e o futebol, que lota os estádios de consumidores e torcedores cegos, que mesmo entre si se dividem em classes de acordo com o capital envolvido, injetando nesta prática – a do torcedor – uma devoção fanática e o salário que ganham vendendo sua força de trabalho, e o esporte, que aumenta ainda mais a desigualdade e segregação social da classe trabalhadora, é vendido como cultura nacional, impondo sonhos as subjetividades de crianças e jovens de ser o mais novo jogador milionário, sem precisar estudar, sem nunca pisar na escola.

E os indivíduos que possuem certo senso crítico e competências diferentes das esperadas pela fábrica social são exilados. Esta forma de exílio se dá de várias formas, da exclusão social (pela loucura, pela presunção de serem superiores) à exclusão geográfica, exercida sobre os grandes intelectuais de esquerda isolados em vários locais do mundo durante o século XX, como exemplos temos a Segunda Guerra Mundial e a Ditadura Militar no Brasil. Esta exclusão é reflexo deste atentado contra à cultura, à estabilidade social, que são locais democráticos, que dividem tudo à todos (Adorno e Horkheimer, 2002, p. 28). Após esta expulsão, os consumidores voltam a se ocupar com a reprodução do sempre igual, com a aparente ordem dentro dos regimes totalizantes que os cidadãos de bem insistem em defender a partir de sua apatia política.

Um dos grandes segredos da indústria cultural é fazer com que os sujeitos controlados pensem estar agindo como sujeitos pensantes, quando se visa evitar o contato destes com a subjetividade. É coisificar os sujeitos sem que eles percebam. É condicioná-los socialmente para quem pensem que são livres, quando são controlados. A indústria cultural objetiva criar o “homem genérico”, que pode ser repostado, substituído facilmente por outro e para isso ele tende a se esforçar para se manter funcional, coeso, preparado para as exigências da máquina que o formatou, função esta da educação.

Em nossa sociedade, formada a partir da relação com os produtos da indústria cultural, empregados são consumidores, indivíduos totalmente inseridos no processo de organização racional do trabalho, mas sem o senso de conhecimento total e privado de liberdade de escolha.

Nesse contexto de dominação científica e dos sujeitos, são ensinadas pela propaganda que a burguesia faz de e para si mesma, a amar os carros, as moradias, os vinhos, as viagens da burguesia, a amá-la a partir de seus produtos. As ações são intrinsecamente práticas na busca incessante de produtos e ascensão social e esta forma de ação impede a reflexão. A indústria cultural se afirma enquanto profeta do existente (Adorno & Horkheimer, 2002, p. 49). A partir da noção do determinismo histórico, da inevitável e gloriosa vitória do capital sobre os sujeitos, o real é reproduzido como fato pronto e acabado.

2 FÉLIX GUATTARI E AS SUBJETIVIDADES MASSIFICADAS NO CAPITALISMO

Guattari é um teórico multifacetado que debate a filosofia, sociedade, cultura, arte e outros elementos. Neste trabalho, o apresentaremos com maior ênfase a sua visão de sociedade a partir do marxismo e da psicanálise, descrevendo uma subjetividade formada dentro deste contexto sócio-histórico. Destacando estes elementos de formação dos sujeitos na modernidade, pretendemos destacar o cenário que o docente encontra em sua prática e sua formação. O principal texto debatido neste texto é o “3 Ecologias”, e usaremos de outras leituras para complementar o debate.

Nesta seção, descreveremos como o autor visualiza a sociedade moderna em alguns aspectos com o intuito de compreender o que é sociedade de massas. Para o mesmo, em linhas gerais, na sociedade moderna “os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração”(Guattari, 1990, p. 07), com a diminuição das redes de parentesco, com a vida humana ossificada em uma forma de padronização dos comportamentos. O mundo caminha para um processo de infantilização e deterioração constante. Apesar do grande desenvolvimento tecnológico, grandes blocos de subjetividades afundam na fome, no desemprego e na marginalidade opressiva, ao ponto que se estendem em arcaísmos, de fundo religioso ou consumista.

Neste contexto, pode-se apontar as principais formas dominantes de valorização das atividades humanas: o império de um mercado mundial que lamina os sistemas particulares de valor, que coloca em um mesmo plano de equivalência os bens materiais, culturais e naturais, e a forma que coloca o conjunto das relações sociais e internacionais sob a direção de máquinas policiais e militares (Guattari, 1990, p. 10). Este autor não nega o conflito de classes, apontando a existência do antagonismo entre burguesia e proletariado, que contribui para a formação do campos bipolarizados de subjetividades, a capitalista e proletarizada. Mas, a partir da segunda metade do século XX, a partir da sociedade do consumo e do Estado de bem estar social, a subjetividade operária linha dura se desfez, dando espaço para o movimento pelas minorias. A luta de classes passa por uma conscientização e uma crítica efetiva à sociedade alienante que é a de massas. Nesta sociedade, mulheres

e jovens são excluídos de seus territórios existenciais pela determinação da razão econômica com suas existências culturais e simbólicas (Guattari, 1990, p. 14).

Para Guattari, este capitalismo pós industrial é chamado de “capitalismo mundial integrado e tende, cada vez mais, a “descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividades” a partir do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens, entre outros elementos e estruturas (Guattari, 1990, p. 31).

Entretanto, afirma que as formas anteriores de capitalismo não eram isentas dessa intenção de capitalizar poder subjetivo, tanto nas elites quanto no proletariado. Entretanto, neste momento histórico, não se mostrava plenamente, por isso sua importância foi pouco apreciada pelos teóricos do movimento operário. Com ascensão do poder da massificação como forma de controle, cabe aos teóricos que buscam uma crítica ou diminuição da desigualdade social atual um olhar especializado sobre o tema. Cabe salientar que foi durante o surgimento e o desenvolvimento da sociedade industrial que as classes trabalhadoras foram massificadas, depois a especialização internacional do trabalho exportou para o terceiro mundo os métodos de trabalho em sério, causando desemprego nos países de primeiro mundo e mantendo a taxa de lucro das empresas internacionais (Guattari, 1990, p. 48).

A subjetividade no capitalismo é, em qualquer natureza e tamanho, manufaturada de modo a prevenir ou evitar a existência contra toda intenção de atrapalhar e perturbar a opinião comum, o indivíduo que é diferente sofre uma espécie de exílio ou se agrega a grupos sociais que, apesar de se dizerem diferentes, fazem parte da estrutura de dominação capitalista. Para este tipo de subjetividade, toda singularidade deveria ser evitada ou passar pela análise dos aparelhos especializados, assim, podemos afirmar que o homem massa odeia tudo aquilo que é diferente e julga como algo condenável.

Estas produções de subjetividade primárias se desenvolvem em escala verdadeiramente industrial, em particular a partir da mídia e dos equipamentos coletivos (Guattari, 1990, p. 40), como as redes sociais. O sintoma repetitivo, a palavra de ordem, o emblema, a cristalização do rosto das estrelas da mídia

entabulam a produção desta subjetividade parcial, pode-se dizer que são a base de uma proto subjetividade.

Aqui os três autores principais de análise vão concordar, Adorno e Horkheimer (2002) afirmam que geralmente as formas de expressão única são espelhos da opinião das massas, que desejam impor sua vontade e opinião sobre os demais, excluindo tudo que é diferente, reproduzindo o senso comum, atuando como intelectuais. Na soma destes aspectos, o capitalismo se inebria de uma falsa noção de eternidade, assim como aqueles voltados para sua forma de existir.

Continuando o debate sobre as subjetividades massificadas, Guattari (1990) afirma que, nas sociedades de massa, as subjetividades são uma reconversão da subjetividade primária, o eu e o outro são constituídos a partir de um jogo de identificações e de imitações padrão que levam o grupo primário a se voltarem pra o pai, o chefe, a estrela da mídia, etc. É com este efeito que a mídia trabalha, com psicologia das massas, fazendo com que o individuo se identifique e imite a estrela escolhida à dedo, gerando uma grande massa de adolescentes que anseiam serem jogadores de futebol e uma grande massa de adolescentes que gostariam de engravidar destes jogadores, acompanhando tudo isto, elementos de consumo de produtos e padrões culturais.

Outra forma de trabalho de massificação parte de operar traços de eficiência diagramáticos, que em relação a um ícone, tem um grande grau de desterritorialização, que é a capacidade de sair de si mesmo para construir cadeias discursivas com o referente (Guattari, 1990, p. 45). Em outras palavras, a mídia ou os grupos interessados escolhem um individuo ou objeto que vai servir de exemplo de eficiência e veicula-lo fortemente nas agências de mídia e propaganda. Em algum prazo, os indivíduos massificados irão deslocar sua noção de eficiência para estes ícones escolhidos, desejando consumir sua forma de ser em formas de carro, mulheres, alimentos, vestimentas ou o objeto selecionado como parte de sua existência e felicidade, como em uma propaganda de carro, onde o ator principal sempre consegue a viagem e a mulher que deseja, a partir do carro. Esta segunda ideia gera um desejo em possuir um carro não apenas por comodidade, mas pelo acesso a relacionamentos sexuais, afetivos, de toda maneira. Exemplos desta forma de massificação partem das músicas, e programas televisivos decorrentes das canções, que afirmam que o carro é vital para ser algo como belo, pois antes se era

feito, a dificuldade de se manter relações com mulheres em carros populares e a facilidade de se ter o mesmo em carros de luxo, etc. São inúmeros os exemplos que podem ser aqui alocados e que influenciam diretamente na construção subjetiva de nossas crianças e adolescentes, assim como dos adultos.

O operário sofre o processo de massificação visando a produção, consumo e reprodução de sua dependência ao capital e seus produtos, o líder é massificado tendo em perspectiva o aumento do acúmulo, a exploração do trabalhador, além de manter uma forma de vida que seja invejável, com sustento de programas televisivos. As mesmas elites tem disponibilidade de bens materiais, meios de cultura, mínima leitura, escrita e um sentimento de competência e decisões legítimas (Guattari, 1990, p. 46), mas suas ações são esperadas dentro do conjunto de regras estipuladas para sua posição social.

Evitando uma visão fatalista da sociedade atual e da leitura deste autor, não podemos ignorar que mesmo em uma sociedade controlada, pode existir tomadas de consciência das massas, que o desabamento do stalinismo e de seus avatares, dá lugar para outras formas de lutas sociais, desde que estas não esqueçam da questão das classes sociais, há também a evolução tecnológica da mídia, a constante diminuição de seus custos e eventuais possibilidades de uso não capitalísticos, apesar de que isto tem raramente ocorrido e por fim a possibilidade de recomposição dos processos de trabalho sobre os escombros da revolução industrial (Guattari, 1990, p. 47). É sobre esta perspectiva de mudança que redigiremos a seção seguinte, pensando em possibilidades de mudança desta configuração social a partir da educação.

3 EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: POSSIBILIDADE DE CRÍTICA DA SOCIEDADE DE MASSAS

Dentro deste cenário desenvolvido nas duas primeiras partes deste trabalho, de uma sociedade de indivíduos massificados, há espaços para a subversão destes valores de domínio do consumo e alienação. Assim, partimos do pressuposto que a educação é um elemento que possibilite uma crítica à sociedade de massas e, em um momento posterior, em sua transformação. Não é possível a transformação das

estruturas atuais sem que aqueles que são explorados conheçam sua condição histórica e cultural. Como antítese, os aparelhos ideológicos do capitalismo funcionam como formas por excelência de massificar os indivíduos, roubando-lhes a possibilidade de conhecimento de suas razões econômicas, culturais, subjetivas e demais formas de autoconhecimento. Apontamos a sala de aula como elemento importante para a transformação da realidade, por ser um espaço único de formação destas subjetividades, onde a criança, o jovem e o adulto desenvolvem tal atividade com intuito de transformar suas vidas, quer seja por imposição dos pais, familiares ou da estrutura econômica.

Antes da sala de aula, pensamos os momentos de formação de professores como momentos vitais para o início do processo que levaria à crítica da sociedade de massas. Pois, o professor que é formado dentro de uma perspectiva alienada, se alimentando de teóricos ou de elementos culturais que não visam a transformação da sociedade – qualquer que seja a mudança – será um mero técnico da educação, um reproduzidor das ideias ou mais perigoso, um “filisteu da cultura”, conceito que aponta o mais eficiente defensor e reproduzidor das ideias massificadoras (Ortega y Gasset, 2002).

Refletindo sobre a sociedade moderna, Libâneo (2007) afirma que as transformações dessa estrutura intervêm nas “várias esferas da vida social, provocando mudanças econômicas, sociais, políticas, culturais, afetando, também, as escolas e o exercício profissional da docência” (Libâneo, 2007, p. 15). Destaca o enfraquecimento dos Estados e das políticas públicas com relação as esferas da educação, saúde, previdência, etc. No campo ético, “a padronização de hábitos de consumo e de gostos vai levando a uma vida moral também descartável” (Libâneo, 2007, p. 16). Estes dois trechos destacados apontam que o autor se atém à uma visão de sociedade parecida com a dos dois autores, nós professores, em formação, formando ou atuando em sala de aula, enfrentamos uma sociedade cujo valores éticos encontram-se em progressiva deterioração (Guattari, 1990) ou a serviço de uma padronização cultural (Adorno e Horkheimer, 2002; 1985). Como solução para esta configuração social, aponta a necessidade de lutas por projetos alternativos de gestão política da educação.

Não basta apenas o docente trabalhar com as novas tecnologias sociais implementadas pela tecnologia que possibilita uma melhor universalização da

escolarização básica de qualidade, mas visualizar uma nova economia da educação, que ultrapasse a utilização da tecnologia e da cultura como simples base mínima para fazer frente as novas necessidades de qualificação do mundo do trabalho capitalista. Em outras palavras, os docentes – e professores formadores de professores – devem visualizar estas novas tecnologias não apenas como possibilidade de melhor formação – ou formatação – do trabalhador para o mundo do trabalho, mas para a plena tomada de consciência de sua prática social, possibilitando assim uma crítica ao modelo social vigente.

Pois a educação faz parte de uma cultura de massas, como um produto a ser vendido. O consumo de massas tem sua força porque se apresenta como algo que é indispensável para aquele que o consome. Para isto, basta observarmos suas metas e slogans “Aqui o conhecimento se torna realidade” (Gruschka, 2008, p. 175.) A partir desta comunhão entre mercado, educação e indústria cultural, vemos a transformação do conteúdo da mesma em mercadoria. Há uma propagação da necessidade de se obter a educação, baseado no discurso do desenvolvimento financeiro, como possibilidade de ascensão social dos indivíduos. No discurso tomado agora pela educação, a mesma é tomada como uma salvação para o desemprego estrutural, não mais como forma de superação da massificação, do senso comum, de acesso à alta cultura ou até mesmo a qualquer forma de cultura.

Pois uma educação unicamente para o trabalho não é democratizante (Libâneo, 2007, p. 22), pois apenas aponta um espaço à ser tomado pelo estudante dentro do processo produtivo, promovendo o processo de massificação dos mesmos, sujeitando a educação à lógica do mercado, como muitos outros setores da sociedade. Exemplos desta sujeição destacados pelo autor fazem referencia ao aligeiramento da formação em todos os níveis de instrução, aproximação da estrutura formativa e da prática/experiência, gerando um educador cada vez mais prático, reprodutivo e menos teórico, primazia da socialização profissional ao invés dos talentos pessoais, uma forma de massificação docente, equalizando, padronizando.

Para se discutir uma formação docente que se coloque como crítica à sociedade de massas, é preciso elencar a situação do docente enquanto trabalhador, relacionando sua atuação e o mundo do trabalho que, por sua vez, é determinante na manutenção do status quo, somando-se à mídia e propaganda em

geral. Estes três elementos estão interligados pois a mídia funciona como um prolongamento do trabalho – estamos logicamente partindo do paradigma marxista para ler este contexto -, os vazios do final de semana são a reprodução da alienação do trabalho e da existência política do sujeito moderno, (Adorno e Horkheimer, 2002, p. 15), formação, trabalho, educação e divertimento estão interligados porque fazem parte do mesmo espaço social de existência, ainda mais na sociedade onde somos o que consumimos.

Libâneo (2007, p.24-25) destaca elementos para uma possível superação desta condição social em que se encontra a docência. Primeiro, a formação para o trabalho em uma escola unitária, centrada na formação geral, crítica e que permita acesso às tecnologias. Em seguida, uma formação para a cidadania crítica, formar um trabalhador, ou um professor, que seja capaz de interferir na realidade para transformá-la, a preparação para inserção na participação social, quer seja a partir do voto, da crítica ou nos movimentos, organizações de crítica ao governo. Pode-se duvidar a existência séria de organizações que façam críticas sérias ao poder vigente real, que são as estruturas de dominação capitalista, ao ponto que uma crítica aos governos que atuam em períodos determinados geralmente ferem apenas interesses políticos e beneficiam à outros, o mesmo pode ser dito sobre o voto que, mesmo consciente, não leva em consideração a seleção pré-eleitoral que é feita, a força da mídia sobre as massas e do apelo emocional financeiro de muitos candidatos.

Libâneo (2007) também destaca a formação ética que aponte valores e atitudes por meio de atividades escolares, que promova valores contra o mundo da política e economia, o consumismo, a coisificação do sexo, a depredação ambiental, e as demais formas de exploração que mantém o capitalismo contemporâneo. Estes posicionamentos de Libâneo corroboram com o conceito de ecosofia, de Félix Guattari (1990). Neste, a ecosofia se propõe enquanto uma nova forma de enfrentamento da existência social, negando a sociedade moderna e seus elementos de padronização a partir de um novo eixo pessoal, que leve em consideração a produção material (trabalho), as relações entre indivíduos (formação e subjetividade) e a degradação da natureza, como efeito da expansão do capitalismo e seu consumismo generalizado.

Assim como Libâneo, Guattari (1990, p. 21) aponta a responsabilidade de todos aqueles que estão em condição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas, os educadores, artistas, jornalistas, psicólogos, etc., afirmando que é eticamente insustentável manter uma postura neutra, fundada sobre um pretensão controle do inconsciente em um corpus científico. Se voltado para os sujeitos de sua atuação, estes profissionais deveriam ter como preocupação permanente fazer evoluir sua prática tanto quanto suas bases críticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramos as discussões preliminares deste texto afirmando que a formação e atuação docente está relacionada à uma intrínseca relação de poderes, onde uma intencionalidade – capitalista – visa a dominação dos sujeitos e de suas vontades, direcionando-as para o consumo e outras formas de reprodução de sua ideologia. A sociedade massificada é uma representação, um recorte da realidade em que se encontra o professor atualmente e poderia ser abordada por uma variedade de teorias que, em geral, seriam incapazes de abarcar a realidade total.

Os trabalhos das ciências ou sociologia da educação não devem ignorar tal perspectiva, partindo das configurações sociais para verificar qual conceito de formação do homem, o direcionamento das intenções educacionais e a inserção das tecnologias no ambiente de prática e reflexão sobre a escola.

Este trabalho, de cunho exploratório e essencialmente teórico, a não ser pelas inserções do cotidiano retirados da experiência social destacadas, visa uma reflexão, ser portar como uma afirmação, científica e política, dos pensadores aqui elencados e de uma percepção sobre a educação derivada do paradigma marxista, essencialmente, a realidade histórica deriva da organização estrutural da sociedade, da desigualdade social e do capitalismo enquanto classe dominante, tanto econômica quanto simbolicamente.

Neste contexto, apontamos uma continuidade da reflexão sobre este cenário, assim como uma prática diferenciada, voltada para a construção de singularidades, das séries iniciais aos programas de formação de docentes em pós-graduações.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- _____. e HORKHEIMER, Max. **Indústria Cultural e Sociedade**. Tradução de Julia Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- _____. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GRUSCHKA, Andréas. **Escola, Didática e Indústria Cultural**. In Indústria Cultural Hoje. Fabio Durão, Antônio Zuin, Alexandre Vaz (Orgs.). São Paulo: Boitempo, 2008.
- GUATTARI, Felix. **As 3 Ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas Exigências Educacionais e Profissão Docente**. 10 Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Tradução Marylene Pinto Michel. São Paulo: Martins Fontes, 2002.